



PARA UMA ANÁLISE DA FUNCIONALIDADE DE “ASSIM” EM CONTEXTO DO PROCESSO TEXTUAL-INTERATIVO DE CORREÇÃO

Lúcia Regiane Lopes-Damasio(UFMT)

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise qualitativa de *assim* em contextos de *correção*, sob um enfoque textual-interativo, em um recorte sincrônico e diacrônico. Importantes relações entre o funcionamento desse item, nesse processo de constituição do texto, e o de seus usos fora desses domínios são estabelecidas como resultados desta pesquisa: (i) o funcionamento fórico de *assim* concorre para a instauração da propriedade de centralização tópica, instaurada no processo de correção; (ii) diacronicamente, o item integra o enunciado reformulador, enquanto, sincronicamente, funciona como marcador de correção; e (iii) o uso de *assim* marcador de correção revela características dos usos do item como MD *atenuador*.

Palavras-chave: Correção, processo textual-interativo, interação

FOR ANALYZING THE FUNCTIONALITY OF “ASSIM” IN THE CONTEXT OF TEXTUAL-INTERACTIVE CORRECTION PROCESS

ABSTRACT: This paper presents a qualitative analysis of *assim* in contexts of the *correction*, focused on textual-interactive context, in both synchronic and diachronic profiles. Important relations between the functionality of this item, in the process of text constitution, and its different usages in other domains are established as results of this research: (i) the functionality of *assim* represents the instauration of the property of topic centralization, established in the process of correction; (ii) diachronically, this item integrates the reformulating topic, while synchronically, it works as a correction marker; and (iii) the usage of *assim* as a correction marker shows features of usages of this item as an *attenuating* MD.

KEYWORDS: Correction, textual-interactive process, interaction

Introdução

O presente artigo tem como objetivo central analisar qualitativamente o funcionamento do item *assim* em contextos da estratégia de construção textual denominada *correção*, de acordo com a perspectiva textual-interativa, na Tradição Discursiva (TD)¹ carta, que constitui o recorte diacrônico, representativo do período correspondente aos séculos XVIII a XX. Na perspectiva sincrônica, o *corpus*, mediado pela fala, constitui-se a partir de TDs do Banco de dados IBORUNA, conforme será especificado em seção especialmente voltada para a apresentação do material utilizado.

O intuito dessa análise é descrever o funcionamento de *assim* em contexto do processo de *correção*, entendido como um dentre outros processos constitutivos do texto, tais como *parafraseamento*, *parentetização* e *repetição*, de acordo com Jubran e Koch(2006), e, a partir dessa descrição, explicitar a relação existente entre o funcionamento do item *assim*, nesse processo de constituição do texto, com seus usos fora do domínio funcional relativo à correção, mais especificamente, seu uso como Marcador Discursivo (MD) *atenuador*, bem como apontar indícios relativos a características do desenvolvimento de tais relações em perspectiva diacrônica.

Para a abordagem dessas TDs, mediadas pela escrita, no caso da TD carta, e pela fala, no caso das TDs do Banco de Dados IBORUNA, descarto, conforme Corrêa (2008, p. 77-78), a noção de escrita como modo de representação da língua, por meio do qual se opõem, de forma imprecisa, *língua falada* e *escrita*, e descarto, também, a noção de fala e escrita como modalidades, já que, como são conhecidas e utilizadas, as modalidades oral e escrita definem-se a partir de referências às suas bases semióticas: o som (fala) e o traço gráfico (escrita), sendo que essa diferença tem servido como base

¹ Entendo por Tradição discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou de falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação com qualquer finalidade de expressão ou com qualquer elemento de conteúdo cuja repetição estabelece um laço entre atualização e tradição, isto é, qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados (KABATEK, 2005, p. 159, tradução nossa).



inapropriada para a validação da oposição radical entre práticas faladas e escritas, como se, nelas, o aspecto semiótico fosse o único relevante.² No lugar dessas noções, assumo, com Corrêa (1997), a proposta de fala e escrita como *modos de enunciação*, em que a escrita, apesar de se mostrar como enunciação solitária, nunca se realiza sem a presunção de um leitor, o que a aproxima do modo de enunciação da fala, em que, mais do que a presença física dos interlocutores, conta com sua representação. Ambas lançam mão de representações que os participantes do discurso fazem uns dos outros, de si mesmos e do objeto de discurso de que tratam (PÉCHEUX, 1990a, p. 82 apud CORRÊA, 2008, p. 78).

Para alcançar o objetivo proposto, o presente artigo será apresentado nas próximas quatro seções. Na seção 1, intitulada, *Fundamentação teórica*, serão apontados os fundamentos teóricos do estudo, basicamente os pressupostos da perspectiva textual-interativa, em 1.1., e da concepção de correção adotada, sob essa perspectiva, em 1.2. Já na seção 2, intitulada *Corpus e metodologia*, discorro sobre o tipo de *corpus* adotado e a metodologia utilizada no desenvolvimento deste estudo. Na seção 3, apresento a descrição e análise dos dados, mostrando a funcionalidade de *assim* em contexto desse processo constitutivo do texto, e, finalmente, em 4, nas *Considerações finais*, as relações funcionais pretendidas, enquanto resultados da pesquisa.

1. Fundamentação teórica

1.1 A perspectiva textual-interativa

Baseada em uma concepção pragmática de texto e de linguagem, a perspectiva teórica textual-interativa foi formulada, inicialmente, para abordar análises de textos falados, principalmente em contextos de comunicação face

² Na dicotomização metodológica, as bases semióticas assumem papel de relevância para a constituição do contínuo de textos, embora atreladas a outros fatores (proximidade, distância comunicativa, p. e.).

a face. Atualmente, estudos fundamentados por essa perspectiva³ estão sendo desenvolvidos também no âmbito de textos escritos, a partir de uma concepção específica de língua falada/escrita (cf. CORRÊA, 1997). Nessa perspectiva, elege-se uma visão de linguagem como “forma de ação e de interação social” (JUBRAN, 1996a, 1996b, 1999, 2006).

Segundo a ótica pragmática, sob a qual se recorta esse conceito de linguagem, aspectos textuais e interacionais encontram-se imbricados, i. é, o interacional está inscrito no texto, tornando-se inerente a ele. Dessa forma, o produto, linguisticamente materializado, que surge desse imbricamento, revela características do processo de interação. Uma vez que o texto apresenta-se como um material que congrega aspectos textuais e interacionais, torna-se possível a realização de um estudo diacrônico fundamentado por essa perspectiva teórica.

A partir desses pressupostos, o texto, como objeto de estudo, é considerado um processo dinâmico que congrega e sinaliza, ao mesmo tempo, processos de formulação textual e interacional, que não resultam em dicotomias de funções textuais e interativas, mas na conjugação delas, de acordo com o *princípio de gradiência* (JUBRAN, 2004, 2006), segundo o qual não há funções excludentes ou dicotômicas, mas tudo se resolve a partir da determinação de graus: toda função textual deve ter, em contrapartida, algum traço interacional, sendo o inverso também verdadeiro. Determinante na análise deve ser o apontamento da predominância de um traço sobre o outro, em alguns casos, ou do balanceamento de ambos, a depender exclusivamente do tipo de fenômeno focalizado.

No âmbito dessa definição de texto, o *tópico discursivo* é adotado como unidade analítica, definindo-se a partir das propriedades de *centração* e *organicidade*. A primeira abrange os traços de: (i) *concernência*, relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual, pela qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específico de referentes; (ii) *relevância*, proeminência desse conjunto como decorrência da

³ Estes estudos inserem-se no subgrupo do PHPP, “Diacronia dos processos constitutivos do texto”.



posição focal assumida pelos seus elementos; e (iii) *pontualização*, localização do conjunto focal em momento específico do texto. Por sua vez, a *organicidade* manifesta-se por relações de interdependência tópica (cf. JUBRAN, 2006). Para a definição do processo constitutivo do texto aqui focalizado, o parâmetro de caracterização é a propriedade da *centração*, já que a *correção* particulariza-se por firmar relações de concernência entre enunciados tópicos, conforme será visto na seção imediatamente subsequente.

1.2. A correção

A correção foi estudada por Fávero, Andrade e Aquino (2006) dentre as estratégias de construção do texto falado pesquisadas pelo Grupo de Organização Textual-interativa e definida como a produção de “um enunciado linguístico (enunciado reformulador – ER) que reformula um anterior (enunciado fonte – EF), considerado “errado” aos olhos de um dos interlocutores” (FÁVERO; ANDRADE e AQUINO, 2006, p. 258). Dessa forma, a correção constitui um processo de formulação retrospectiva.

Assim como a correção, também a paráfrase tem a função de assegurar a intercompreensão. A diferença entre esses processos, paráfrase e correção, está no tipo de relação semântica que liga os enunciados reformulador e fonte (GÜLICH e KOTSCH, 1987b, p. 43 *apud* FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2006, p. 258): enquanto na paráfrase há uma relação de equivalência semântica, na correção, essa relação é de contraste; enquanto na correção os interlocutores pretendem apagar o EF, por considerá-lo inadequado no processamento da fala, substituindo-o pelo ER, na paráfrase, esse EF, assumindo o posto de M, será a base para a implementação de movimentos semânticos de especificação ou generalização, expressos pelo ER/parafrástico, que determinam a geração de novos sentidos e, assim, a progressão textual; e enquanto na paráfrase há uma relação de equivalência semântica entre M e P, como condição necessária, na correção tal relação pode ou não existir entre EF e ER.

Nessa direção, a noção de correção empregada aqui, a exemplo de Fávero, Andrade e Aquino (2006), ultrapassa os limites de reparos a infrações a regras conversacionais, incluindo o papel da correção na construção do sentido do texto.

Também é necessário examinar os limites entre correção e hesitação, uma vez que ambas são atividades relacionadas a problemas de formulação. Segundo as autoras, a hesitação difere da correção: enquanto esta representa uma solução a um problema retrospectivo de formulação, aquela representa uma solução a um problema prospectivo, i. é, quando o problema é capturado durante a sua linearização, *on line*. Dessa forma, nos casos de hesitação, detecta-se uma interrupção no fluxo informacional que resulta em um enunciado ainda não concluído sintagmaticamente. Por sua vez, nos casos de correção, detecta-se sua implementação quando a seleção inadequada já se efetivou sintagmaticamente.

Em relação a esse aspecto distintivo de correções e hesitações, considero, neste artigo, diferentemente do posicionamento das autoras, que tanto uma quanto outra são estratégias de processamento *on line* do texto e que o que as deve diferenciar é o estatuto do EF e do ER. Considero, assim, que alguns fragmentos lexicais, representativos de itens não concluídos sintagmaticamente, podem representar:

(i) o processo de hesitação, quando seu estatuto duvidoso ou de difícil acesso no momento de formulação textual seja objeto de hesitação (MARCUSCHI, p. 55, 2006). Nesses casos, pode haver a repetição hesitativa de sílabas ou fragmentos curtos do item em formulação, como ilustra este exemplo do autor: “[...] passou de ser um aCÚmulo de coisas e objetos mas *a/ a/ acabou* elegendo um objeto isolado para ele [...]” [EF SP 156: 196-206].

(ii) o processo de correção, quando, embora não concluído completamente, do ponto de vista da organização sintagmática, o fragmento de item já é claramente suficiente para a avaliação de sua inadequação, em relação ao objetivo do falante, e consecutiva substituição, na sequência, por outro item, mais adequado, como ilustra a ocorrência (a): “[...] e:: eu *gos/* assim... eu *tive* um po(u)co de afinidade pelo curso [...]” [AC-083/NE484].



Nessa direção, também os casos de *falsos inícios*, analisados por Marcuschi (2006, p. 56-57) como um tipo de hesitação, serão aqui considerados como casos de correção, em que o falante, percebendo a inadequação de sua formulação, mediante seus objetivos comunicativos, corrige o direcionamento da unidade sintática oracional antes de concluir o EF. Não parece muito aceitável acreditar que o falante só corrija, de fato, aquilo que tenha produzido, de forma concluída, como “errado”. Sabe-se que, muitas vezes, o falante percebe a inadequação de seu enunciado e lança mão do recurso da correção antes de concluir todo o segmento avaliado por ele como problemático diante daquele contexto específico de produção. Isso não quer dizer que esse falante esteja hesitando, diante do que está dizendo, mas apenas que está construindo *on line* seu texto.

De acordo com a definição de correção, centrada na noção de *anulação* do EF, considero apenas o tipo de correção denominado de *infirmção*, por Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 262).⁴ Interessam, na identificação das correções, os seguintes aspectos linguísticos, acompanhados de funções pragmático-interativas:

- (i) fonético-fonológico: em que se observa correção de pronúncia;
- (ii) lexical: em que se observa correção da seleção léxica não pretendida; e,
- (iii) morfossintático: em que se observa a correção de diferentes aspectos relacionados à má-formação da frase.

Chamo a atenção para a relevância dos *marcadores* possivelmente empregados para indicar essa relação (cf. o emprego de *assim* em (a) acima). Segundo Gülich e Kotschi (1987b, p. 44 apud FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2006, p. 267) é, frequentemente, com a ajuda do marcador que o locutor cria uma relação de reformulação entre enunciados diferentes. Esses autores comparam o marcador a um traço, deixado no discurso (no texto), pelo

⁴ Não considero os casos englobados no tipo denominado de *retificação*, por não evidenciarem a anulação do EF pelo ER, mas, sim, que o ER segue sempre na mesma direção, numa relação de parentesco semântico que identifica o que aqui está sendo chamado de paráfrase.

trabalho conversacional (interacional) do locutor. Dessa forma, tornam-se presentes três elementos, conforme o esquema abaixo:

<i>eu vô(u) falá(r) de umas histórias que minha avó [...]</i>		
Enunciado-fonte	<i>[...] contava pra mim</i>	EF
Marcador de correção	<i>[...] assim [...]</i>	MC
Enunciado-reformulador	<i>[...] conta até hoje [...]</i>	ER

Esquema 1: Esquema de Correção

Distinguem-se dois tipos de marcas, as de natureza prosódica e as de natureza textual-discursiva, como os marcadores discursivos, que, entre outras funções, sinalizam a correção. O exemplo, no quadro acima, ilustra um caso em que o MD *assim* desempenha esse funcionamento. Além dos MDs, itens de outras classes podem desempenhar essa função de marcar a correção, como, por exemplo, o item “não”.

A partir dessa caracterização geral da estratégia de correção em textos mediados pela fala, passo a uma reflexão sobre ajustes necessários nessa caracterização para a possível observação desse processo de construção textual em textos medialmente escritos.

Cintra (2009)⁵ propõe uma adequação da definição de correção como uma estratégia de reformulação textual-interativa, em que o escrevente, orientado pela percepção sociocognitiva que tem de seu leitor, produz um ER que reelabora o EF, anterior, a partir da avaliação de que essa estratégia de reformulação é necessária para interagir apropriadamente com seu leitor.

Uma segunda questão, também associada com a materialidade escrita de parte dos *corpora* desta pesquisa, relaciona-se às marcas de correção. Segundo Cintra (2009), enquanto nos textos falados as marcas prosódicas de correção são importantes, podendo até mesmo a correção envolver-se com

⁵ Baseio-me, para essas considerações, nos resultados da pesquisa de Cintra, apresentados no relatório Fapesp (2009) do subgrupo do PHPP “Diacronia dos processos constitutivos do texto”, do qual também esta minha pesquisa faz parte.



aspectos fonético-fonológicos, como os apontados anteriormente, em textos escritos as marcas são de natureza gráfica.

Portanto, a materialização da correção na superfície textual das cartas processa-se a partir de:

- (a) Reaproveitamento do EF (ou parte dele): nesse caso, EF e ER coincidem no mesmo espaço do texto. O reaproveitamento pode ser feito por: (i) inclusão de sílabas, letras ou palavras ao EF; e (ii) escrita sobreposta ao EF (ou parte dele).
- (b) Não-reaproveitamento do EF: nesse caso as correções sem aproveitamento do material gráfico são sinalizadas por: (i) traço que recobre o EF, anulando-o; e/ou (ii) marcadores discursivos.

2. *Corpus* e metodologia

Tendo em consideração a definição de TD como constructo teórico-metodológico, o *corpus* deste trabalho organiza-se segundo: (i) as TDs investigadas; (ii) a delimitação geográfica (Estado de São Paulo); e, (iii) a delimitação temporal (séc. XVIII a XXI).⁶ Foram analisadas amostras compostas por 274 textos referentes a cada TD que constitui os *corpora*:

(A) diacrônico, representativo da TD *carta*. O *corpus* da TD *carta* divide-se em: .

- (i) Administração Privada: cartas de aldeamento de índios (29 cartas do séc. XVIII e XIX);
- (ii) Documentos Pessoais: cartas de pessoas relacionadas com: (a) José Bonifácio (19 cartas da primeira metade do séc. XIX); (b) Washington Luiz (79 cartas do final do séc. XIX); (c) Prof. Fidelino de Figueiredo (83 cartas do final do séc. XIX e séc. XX); e
- (iii) Cartas de leitores e redatores de jornais (64 cartas dos séc. XIX e XX).⁷ e

(B) sincrônico, compostos por inquéritos do Banco de dados IBORUNA , composto por amostras do português falado na região noroeste do Estado de São Paulo (São José do Rio Preto, Ipiranga, Onda Verde, Guapiaçu, Mirassol, Bady Bassitt e Cedral), organizado de acordo com as TDs apresentadas no quadro abaixo:

⁶ Corresponde a uma seleção de textos a partir dos *corpora* do PHPP.

⁷ Esses *corpora* foram organizados respectivamente por: Simões e Kewitz (2006) – *corpus* especificado em (i), (ii. a) e (ii. b); Barroso e Batista (2007) – (ii. c); e Afrânio Barbosa e Célia Lopes (2002, 2006) – (iii).

TD narrativa de experiência	<i>narrativa de experiência pessoal</i> (NE)
TD narrativa recontada	<i>narrativa recontada</i> (NR)
TD opinativa	<i>relato de opinião</i> (RO)
TD injuntiva	<i>relato de procedimento</i> (RP)
TD descritiva	<i>relato de descrição</i> (DE)

Quadro 1: As TDs do IBORUNA

A metodologia de pesquisa prevê, primeiramente, uma análise qualitativa, a partir da divisão dos contextos de correção, em que há a ocorrência do item *assim*, em unidades tópicas, que corresponderão, conforme a fundamentação teórica, à unidade de análise utilizada. Na sequência, será descrito o funcionamento de *assim* em relação a esse processo constitutivo do texto, paralelamente a uma análise especificativa: (i) da distribuição do processo de correção em relação ao item; (ii) da operacionalização das correções; e (iii) dos seus aspectos linguísticos e interativos. Em seguida, proponho, com base nos dados empíricos descritos e analisados, sob a perspectiva teórica adota, a viabilização de uma análise de textos escritos e históricos, referentes à TD *carta*, apontando relações históricas desse processo de construção textual com o item *assim*. Por fim, nas considerações finais, aponto os resultados da pesquisa e as relações funcionais possíveis de serem estabelecidas entre os usos sincrônicos e diacrônicos do item nesse contexto de correção e fora dele.

3. Descrição e análise: a funcionalidade de *assim* em contexto de correção

De modo geral, o item *assim* desempenha função fórica retro-propulsora, marcando a inserção do ER, cataforicamente, em relação ao EF, retomado. Em todos os casos, o item localiza-se imediatamente na sequência EF – MC – ER, desempenhando o papel de marcar a inserção da correção em relação aos segmentos envolvidos. Portanto, conclui-se que todos os casos de correção, em contextos de *assim*, evidenciam a distribuição adjacente, no mesmo turno/frase.



Em relação à operacionalização das correções, em contexto de *assim*, nos dados das TDs do IBORUNA, constata-se que a totalidade das ocorrências corresponde a autocorreções auto-iniciadas, processadas, dessa forma, pelo próprio falante. Vejamos a ocorrência (01):

(01) Inf.: [é::] ficô(u) em pé lá dentro tipo o boi anDAva dentro da [cobra] [Doc.: aham ((concordando))] ela acredita nisso (até)... ah mas num é possível... senão a cobra ia ficá(r) com três metro *de* altura [*assim*] [Doc.: aham ((concordando))] de:: de comprimen::to né?... [AC-054/NR304]

Em (01), o falante realiza enunciado “com três metro de altura” e sente a necessidade de corrigir o Mod “de altura”, que, portanto, assume o papel de EF da reformulação via correção, inserindo o ER “de:: de comprimen::to né?”, marcado previamente por *assim*. Embora o falante estabeleça uma autocorreção iniciada por ele mesmo, constata-se o acompanhamento interacional de seu interlocutor, transcrito em “[Doc.: aham ((concordando))”, no estabelecimento dessa estratégia de construção textual, logo após a inserção de *assim*, que sinaliza o ER, assim como a checagem, estabelecida pelo locutor, dessa interação de cumplicidade, por meio do MD “né?”. Também é possível conferir a procura do locutor por esse item correto, no ER, marcada pela repetição hesitativa de “de:: de”.

No que tange aos aspectos linguísticos e interativos, observam-se as correções: (i) lexical; em que ocorre a substituição de uma seleção léxica não pretendida por outra, avaliada como mais pertinente; (ii) correção morfossintática; em que se constata a má-formação da frase em relação específica a problemas de regência, concordância etc.; (iii) correção sintático-semântica; em que é corrigida a má-formação da frase do ponto de vista sintático e/ou semântico.

Apresento, primeiramente, as ocorrências exemplificativas de (i) – correções lexicais:

(02) são SAlas assim pare/ é um GALPÃO... BEM ruim assim... mas é o único luga/ éh *assim* o local que te::m... [AC-052/DE214]

(03) e ele tinha:: comprado éh:: comprado *assim* ganho né?... do:: do filho que mora em São Paulo... um Passat...[AC-115/NE854]

(04) um dia é/ um dia pra arrumá(r)... é *assim* uma semana né? pra arrumá(r) e um dia pra desarrumá(r)...[AC-056/DE402]

(05) vai... fican(d)o .. vai fi/ vai fican(d)o um azul... é legal que vai... mudan(d)o simplesmente um azul... um azul escuro vai fican(d)o verme::lho... um vermelho... *assim*... não um vermelho (a)laranja::do (a)laranjado vai fican(d)o vermelho vai escurecen(d)o é LINdo demais... lindo...[AC-087/DE677]

(06) Inf.: olha... ahm::... um local que eu... que eu... tenho *assim* de lembrança são lembranças... ahm... infantis... éh::... mas são... são fatos *assim*:: éh::... fatos não são... éh luGAres... que::... me marcaram bastante...[AC-150/DE1180]

Em (02) e (03), os itens lexicais “lugar” (não pronunciado completamente) e “comprado” configuram os EF das correções implementadas nos ER contíguos, “local” e “ganho”, marcados por *assim*. Também nesses casos, como naquele analisado há pouco, observam-se marcas hesitativas como as pausas preenchidas por “éh/eh::”, em (02) e (03), além da repetição hesitativa do item lexical que constitui o EF e da confirmação interacional, evidenciada no uso do MD “né?”, em (03).

Em (04), verifica-se que o item lexical “dia” alavanca a repetição de um segmento tópico para sua correção. Dessa forma, essa ocorrência se distingue das anteriores em complexidade porque, embora o EF seja um item lexical, todo o segmento tópico que ele integra é repetido no processamento de sua correção, por “semana”, no ER. Essa afirmação é corroborada pelo MD “né”, inserido exatamente após o item “semana”, que constitui o ER. O item *assim* mantém sua função de marcar essa estratégia.

Por fim, as ocorrências (05) e (06) exemplificam casos em que *assim* não desempenha prototipicamente essa função, representando contextos importantes para o seu desenvolvimento. Em ambas, o item co-ocorre com o marcador típico de infirmação “não”, em segmentos que lexicalizam o



processamento da correção “não um vermelho (a)laranja::do” e “:... fatos não são... éh luGAres...”.

Passemos à observação das ocorrências exemplificativas de (ii) – correções morfossintáticas:

(07) tinham lançado trinta pessoas na lista de espera e eu fiquei em dezesseis praticamente no meio da lista de espera... aí veio::... *assim* eu vim de manhã:: [AC-087/NE633]

(08) e:: é legal que nessa pedra eu vi uma tartaruga... marinha... passando eu fui o único... (dos três) a vê(r) uma tartaruga marinha... lá:... e::... mas lá:: essa/ *assim* a Sununga/ das três praias a Sununga é a melhor... é a melhor praia...[AC-087/DE678]

Em (07), *assim* marca o ER que estabelece a correção da concordância verbal e, em (08), marca o ER que corrige o uso do demonstrativo como elemento de coesão referencial, com o intuito de evitar equívocos interpretativos, uma vez que, nesse tópico, o falante descreveu três praias, entre elas “essa” eleita como a melhor. Em relação à marcação de correção de natureza morfossintática, não foram encontrados contextos menos prototípicos de uso de *assim*, como apontado em (i).

Por fim, as ocorrências de (iii) – correções sintático-semânticas:

(09) Doc.: tem muitos cursos?
Inf.: HÁ muitos cursos há *assim*/ na verdade tem seis ou sete eu acho [...] [AC-081/DE430]

(10) agora aquele que num tem o apoio da família... num adianta você... sê(r) um professor brilha::te tê(r)... um/ sabe? a escola *assim*/ a melhor escola... se ele num::... num tem certos valores...[AC-116/RO929]

(11) Doc.: e vocês eram muito apegadas?
Inf.: é... assim eu num conhe/ *assim* a gente só conviveu cinco anos né? com ela porque ela morreu quando eu tinha cinco anos...[AC-056/NR396]

(12) com mo::/ *assim* bastante molho... assim sabe ficá(r) bastante::... aquele creme né?[AC-087/RP691]

Em (09), a correção do EF “HÁ muitos cursos” é acarretada principalmente por seu conteúdo, reavaliado e corrigido na construção sintático-semântica do enunciado “na verdade tem seis ou sete”. Já em (10), a motivação da correção do EF “a escola” é principalmente a inserção do Mod “melhor” no ER, que garante a infirmação da formulação sintática do EF “ter a escola”, insuficiente para estabelecer o paralelismo sintático-semântico pretendido pela falante, em “num adianta você... ser um professor brilhante, ter a melhor escola...”.

Tanto em (09) quanto em (10), embora se observem distinções relacionadas à preponderância das motivações, ora mais sintáticas ora mais semânticas, o item *assim* marca a inserção do ER sem interromper, sintagmaticamente, o processamento do EF, que é, portanto, concluído em ambos os casos. Por outro lado, não é exatamente isso que se verifica em (11) e (12). Nessas ocorrências, como em muitas outras presentes nas TDs do IBORUNA, há uma interrupção sintática ou um falso início, para usar a terminologia de Marcuschi (2006), causados pela inserção do marcador que sinaliza o ER.⁸ Mesmo assim, reconhece-se que não se trata de casos de hesitação, mas de correção, em que, durante o processamento *on line*, o falante insere o ER, antes mesmo de concluir sintagmaticamente o EF. Dessa forma, o segmento realizado do EF, ainda que não completo linguisticamente, é suficiente para garantir a relação retrospectiva da correção, ainda que de modo diferente daquele pressuposto tradicionalmente.

Feita a descrição e análise da estratégia de correção marcada por *assim* nos dados extraídos das TDs do IBORUNA, passo à apresentação das considerações relacionadas a essa estratégia, nesse contexto, nos dados da TD carta. Antes de expor e analisar essa ocorrência, no entanto, apresento, resumidamente, os resultados da pesquisa que aborda esse processo textual-interativo, nos dados de carta, mas fora das limitações representadas pela co-ocorrência com o item *assim* (CINTRA, 2009).

⁸ As motivações da correção, em (11), são muito próximas das de (09), e as de (12), das de (10).



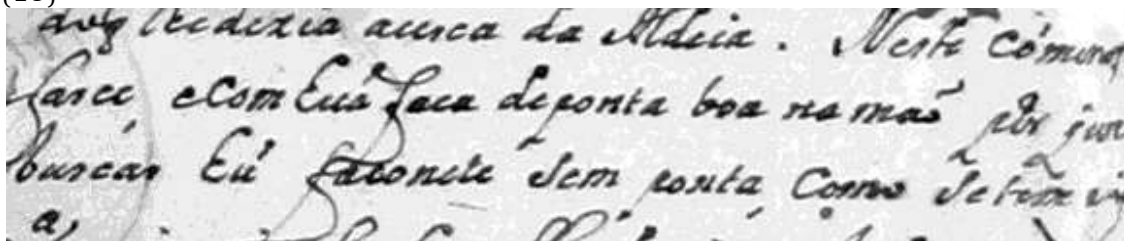
Em relação às marcas de correção, observa-se que pode haver ou não o aproveitamento de segmentos do EF no ER, podendo a correção ser acompanhada de *rasuras* ou de sinais (traços) que anulam letras, sílabas, palavras ou segmentos, representando graficamente a *infirmiação*.

De acordo com Cintra (2009), as correções se materializam nas cartas por meio de:

(a) reaproveitamento do EF ou parte dele: nesse caso, EF e ER coincidem no mesmo espaço do texto. O reaproveitamento pode ser feito por:

(i) inclusão de sílabas, letras ou palavras ao enunciado:

(13)



Carta 19 – AI - imagem de CD-ROM 0059

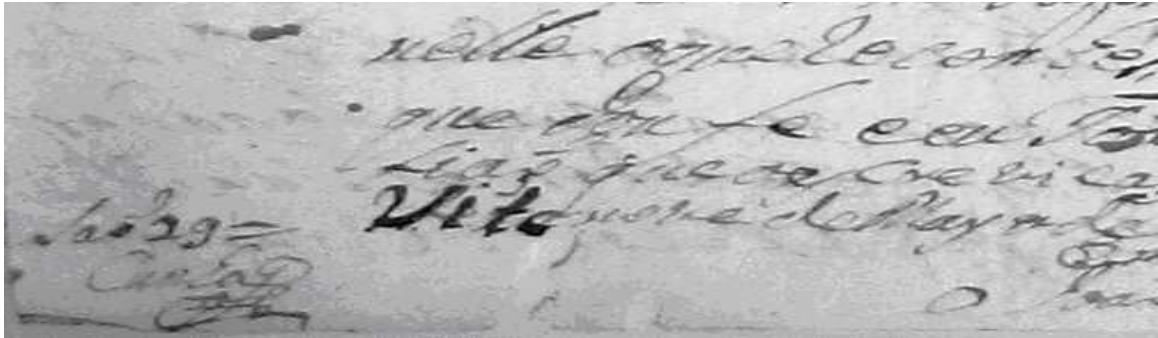
Neste cómenos

appareceo elle dito Capitam comdous paos delenha por d[es]farce, ecom huá faca deponta boa na mão **pi<o>s**⁹ junto doPadre oque vendo Eu griteilhe eoPadre entrou aSella [a]buscar hu' faconete sem ponta, como setem vis to para Sedefender; eapegando tambem noPadre, naõ para que imaginaSse Eu offend[e]ria ao Indio como se colhe dabo Rezaõ, Senaó para que naó chegaSse o Indio aofendello; ainda contudo isto, Seavançou ahu pao dehu' paSageiro dizendo hera para Sedefender. [espaço] [AI XVIII-Carta 19]

(ii) escrita sobreposta ao EF ou parte dele:

(14)

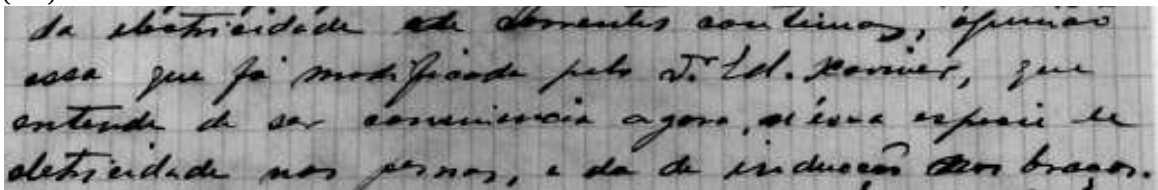
⁹ O escrevente fez a correção de [pis] para [pos].



Carta 13 – AI – imagem de CD-ROM 0056

Reconheço os Signaes e Letrado[spos ?] abayxoasig | nados Serem dapropriã maõ dos Contheudos | nelle oque Reconhello por ter visto fazellos de | que dou fe eeu Joaõ Alvres daCunha Taba | liaõ que oescrevi easigney em publico eRazo Vilaboa | Vitenove deMayode mil sete centos equarentaannos | [espaço] emtestemunho de Verdades | Joaõ Aferes da Cunha | <Saõ 29= | Cunha> [AIXVIII– Carta 13]

(15)



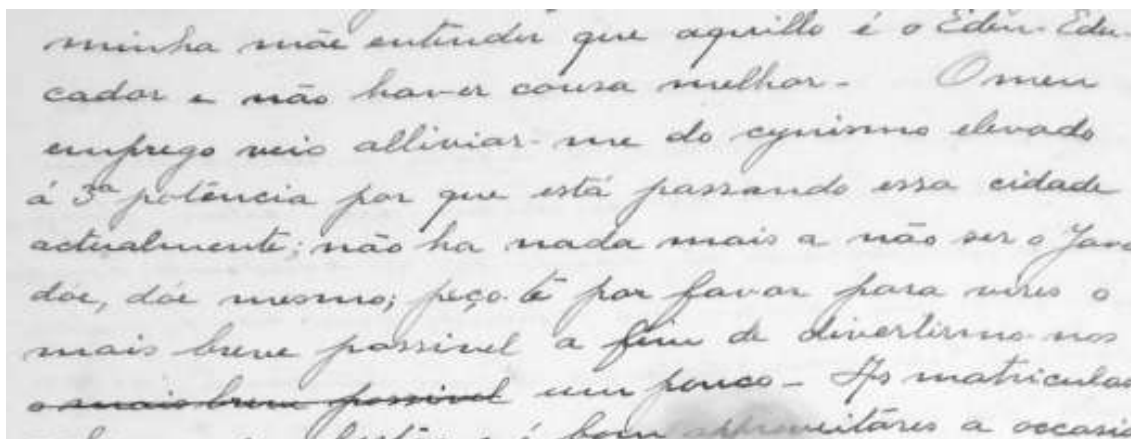
Carta 69 – CP – imagem de CD-ROM 0059

O Chico continúa com pequenas melhoras. | Hontem foi ouvido de novo. Doutor Ascendino | Reis, que julgou de alguma conveniencia applicação | da electricidade ade correntes continuas, opinião | essa que foi modificada pelo Doutor Coronel Xavier, que | entende de ser conveniencia agora, d'essa especie de | electricidade nas pernas, e da de inducção dnos braços. [CPXIX – Carta 69]

(b) não-reaproveitamento do EF: as correções deste tipo são sinalizadas por:

(i) traços que anulam o EF:

(16)



Carta 13 – CP - imagem de CD-ROM 1519

O meu | emprego veio alliviar-me do cynismo elevado | á 3^a potencia por que está passando essa cidade | actualmente; não ha nada mais a não ser o Java, | dóe, dóe mesmo; peço-te por favor para vires o | mais breve possivel a fim de divertirmo-nos | ~~o mais breve possivel~~ um pouco – [CPXIX– Carta 13]

- (ii) Marcadores discursivos:
(17)

Quanto a molestia vou sem| grande alteração, parece-me | fóra de duvida que é beribéri | sob a forma paralytica, que | segundo a opinião dos médicos | é o de marcha mais lenta e | de cura mais morosa sendo tambem o que offerece menos | pirigo uma vez que o trata= | mento seja empregado a tempo. ||
Aminha | ida para ahi é | [p.2] actualmente inconveniente | sendo que um pouo mais tarde, | **quer dizer, mais ou menos** resta= | belecido eu aproveitarei o te | offerecimento. [CPXIX – Carta 43]

Em relação a essa descrição, *assim* ocorre seguindo uma correção em que não há aproveitamento do EF, sinalizada por um traço que anula esse segmento no texto. No entanto, não se trata de um caso em que *assim* funciona, como na ocorrência (17) de “quer dizer” e como nas demais ocorrências analisadas aqui, como um marcador prototípico de correção. Veja:

(18) Aconselhei ao Chico estudar pharma- | cia aqui, ~~pois que~~ e *assim* fazendo | baseava- me na facilidade d’este | estudo aqui [CPXIX-28/34]

Em (18), *assim* não é usado como marcador de correção prototípico por dois motivos: (i) o item ocorre numa construção maior constituída por *e assim*

fazendo; e (ii) nesse caso, a correção é marcada pelo sinal gráfico que anula o segmento fonte (traço).

Nesse trecho, o escrevente inicia, mas não termina, sintagmaticamente, o segmento “pois que”, que atuaria, no texto, como justificativa para o aconselhamento realizado por ele ao Chico, e o anula – usando um “traço” – para que seja inserido o ER “[e assim fazendo] baseava-me na facilidade d’este estudo aqui”, avaliado como mais pertinente para a apresentação da justificativa pretendida. Embora numa estrutura de reformulação diferenciada, graças à inserção de *assim* na construção, pode-se sugerir uma aproximação dessa ocorrência, com aquelas, constatadas sincronicamente, nos dados das TDs do IBORUNA, em que há o abandono de uma construção iniciada, para a inserção da correção, numa construção que sintático-semanticamente é avaliada como mais apropriada aos objetivos comunicativos do escrevente.

Dessa forma, depreende-se, diacronicamente, um contexto de co-ocorrência de *assim* com a correção que pode ser indiciário do desenvolvimento de seus usos mais atuais nessa estratégia, conforme constatado nos dados analisados, representativos do recorte sincrônico.

4. Considerações finais

Nos casos de correção, a sinalização retro-propulsora, realizada por *assim*, constitui um importante papel na marcação dos enunciados reformuladores (ER) em relação aos enunciados fonte (EF). Constata-se, portanto, que, em relação a esse processo constitutivo do texto, o funcionamento fórico de *assim* concorre para a instauração da propriedade de centração tópica.

A segunda relação relevante é a que diz respeito à integração ou à sinalização/marcação de *assim* aos segmentos tópicos que constituem o processo textual focalizado. Observou-se que, diacronicamente, o item integra o ER, enquanto, sincronicamente, funciona como marcador de correção (MC),



sinalizando/marcando o ER, sem integrá-lo, em construções adjacentes do tipo EF – MC – ER.

Entretanto, o resultado mais importante é o de que as funções do processo de correção, com os quais o item *assim* relaciona-se, seja a partir da integração ou da sinalização/marcação, apresentam fortes associações com as funções desempenhadas por esse item, na sincronia atual, fora de contextos especificamente relacionados à instauração de correções. Quanto a isso, apresento as seguintes constatações:

- (c) em relação aos contextos de *correção*, constatam-se, nas TDs do IBORUNA, a ocorrência de autocorreções auto-iniciadas:
 - (i) de item lexicais
 - (ii) morfossintáticas;
 - (iii) sintático-semânticas.

De modo geral, contextos de correção não configuram ambientes propícios para a preservação da face do falante. Dessa forma, subjacente à função de marcar o ER frente ao EF, realizado anteriormente e avaliado como problemático/inadequado pelo falante, mediante seus objetivos interacionais, há uma função atenuativa de *assim*, voltada para a intenção de abrandar o risco que o processo de construção textual implantado representa à face do falante em relação ao seu ouvinte.

Nessa direção, o uso do MD *assim* sinalizador de correção revelaria características dos usos do item como MD *assim* “atenuador”, representativo de seu comportamento como *hedge* de imprecisão/incerteza que sinaliza a atividade cognitiva de planejamento verbal *on line*, atenuando os riscos que uma correção representaria à face do falante (para uma análise completa dos usos do MD *assim*, cf. LOPES-DAMASIO, 2011, 2008). A ocorrência que segue ilustra um uso do MD *assim* “atenuador”, em contexto linguístico marcado pela atenuação também por meio de:

- (i) marcadores de opinião (verbos “achar”, “acreditar”, “preferir”): com esses itens, o falante debilita a força ilocutiva de suas informações, passando uma impressão de insegurança;

- (ii) marcadores interacionais (“né?”, “entendeu?”, “sabe?”, “tá?”): com os quais o falante faz um chamado, ao interlocutor, verificando a manutenção do contato, criando solidariedade, com o objetivo de obter sua aprovação;
- (iii) *hedges* de incerteza/imprecisão (“num sei...”; “cê num sabe muito bem...”; “num sabe contar...”; “num num entendi muito bem...”; “eu num me lembro bem direito...”): esses itens atuam na diminuição do comprometimento do locutor com o seu enunciado, uma vez que são *hedges* que expressam incerteza/imprecisão.

(19) –... aí deu certo tudo que eu entrei *nê?* fiquei em quarto...
ma::s... aí foi legal *num sei* eu *acho assim num sei* se foi cedo
d’eu entrá(r) na faculdade porque eu tava sain(d)o do
colegia::l... então é um/ uma coisa assim... é um... trunca/ um
truncamento assim na vi/ na vida *nê?* [AC-054/NE296]

Nos dados extraídos do *corpus* diacrônico, conforme (18), *assim* aparece em *contexto de correção*. O item *assim* não desempenha a função, observada sincronicamente, de marcar o ER, como apontado na análise, e também não assume nenhuma relação funcional com o processo de atenuação. A partir daí, pode-se afirmar que, embora o desenvolvimento desse uso não seja recente, já que foi constatado em dados da TD carta, na perspectiva diacrônica, sua complexidade encontra-se em pleno desenvolvimento, estando tal desenvolvimento intrinsecamente relacionado às situações pragmáticas de uso da língua.

Referências

- BARBOSA, A.; LOPES, C. **Cartas de leitores e de redatores**. Cópia digital, 2002.
- _____. **Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX: cartas de leitores**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; FAPERJ, 2006.
- BARROSO, P. H. O.; BATISTA, A. S. **Correspondência passiva de Fidelino de Figueiredo**. [S.l.]: [s.n.], 2007. CD.
- CINTRA, M. R. Correção. In: JUBRAN, C. C. A. S. **Diacronia dos processos constitutivos do texto** – Relatório FAPESP, mimeo, 2009.
- CORRÊA, M. L. G. Arranjos referenciais de tempo em textos de pré-universitários: letramento e oralidade. *Gragoatá*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 75-93, 2º semestre de 2008.



CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. Campinas. SP. 435f. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1997.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O .A.; AQUINO, Z. G. O. A. Correção. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 255-276.

GONÇALVES, S. C. L. **Banco de dados Iboruna**: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. Disponível em: <<http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>>. Acesso em: 05 dez. 2007.

JUBRAN, C. C. A. S. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 27-36.

_____. **Uma gramática textual de orientação interacional**, 2004 Mimeo.

_____. Funções textuais-interativas dos parênteses. In: NEVES, M. H. M. (Org.), **Gramática do Português Falado**. Vol. VII – Novos estudos, São Paulo: Humanitas – FFLCH-USP, Campinas: Editora da UNICAMP, 1999, p. 131-158.

_____. Para uma descrição textual-interativa das funções de parentetização. In: KATO, M. A (Org.), **Gramática do Português Falado**. Vol. V – Convergências, Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1996a, p. 339-354.

_____. Parênteses: propriedades identificadoras. In: CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. Basílio (Orgs.), **Gramática do Português Falado**. Vol. IV – Estudos descritivos, Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1996b, p. 411-422.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis XXIX*. 2, p. 151-177, 2005.

LOPES-DAMASIO, L. **Diacronia dos processos consitutivos do texto relativos a assim: um novo enfoque da gramaticalização**. São José do Rio Preto. 284f. Tese de doutorado - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2011.

_____. **A emergência do marcador discursivo “assim” sob a óptica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização**. São José do Rio Preto. 244f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Biociências,



Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Repetição . In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p.219-254.

SIMÕES, J. S; KEWITZ, V. **Cartas paulistas dos séculos XVIII e XIX: uma contribuição para os corpora do PHPB**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.

Recebido em 13/01/2013.

Aceito em 25/06/2013.

Lúcia Regiane Lopes-Damasio

Mestre em Linguística (2008) e Doutora em Linguística (2011) pela UNESP (São José do Rio Preto - SP). Professora Adjunto I da UFMT, *campus* Cuiabá-MT. É pesquisadora do Projeto para a História do Português Paulista II (PHPP II - Projeto Caipira - Subprojeto "Diacronia dos processos constitutivos do texto"), coordenado pela profa. Clélia C. A. S. Jubran; do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB - nas equipes paulista e mato-grossense), coordenado pelo prof. Ataliba Castilho; e do Grupo de Estudos da Linguagem (GPEL), coordenado pelo prof. Lourenço Chacon.
E-mail: luciaregiane@bol.com.br